

O Grande Dilúvio e a fundação da China

António Gonçalves Henriques

Professor Convidado do Instituto Superior Técnico, Lisboa

Depois disse o SENHOR a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque tenho visto que és justo diante de mim nesta geração.

De todos os animais limpos tomarás para ti sete e sete, o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea.

Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea, para conservar em vida sua espécie sobre a face de toda a terra.

Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sobre a face da terra toda a substância que fiz.

E fez Noé conforme a tudo o que o Senhor lhe ordenara.

E era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sobre a terra.

Noé entrou na arca, e com ele seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, por causa das águas do dilúvio.

...

E aconteceu que passados sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio.

No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezassete dias do mês, naquele mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram,

E houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites.

Génesis 7: 1-7, 10-12



Figura 1. “A arca de Noé no monte Ararat”. Simone de Mijle, 1570
Pintura a óleo sobre tela (114 × 142 cm), fonte: Sotheby’s Paris, 23 June 2011 Lot 30.

Este artigo é parte integrante da *Revista Recursos Hídricos*, Vol. 37, Nº 1, 83-91, março de 2016.

© APRH, ISSN 0870-1741 | DOI 10.5894/rh37n1-dv1

A temática mitológica do dilúvio, conhecida na Civilização Judaico-Cristã na narrativa do livro do Génesis, é comum a muitas culturas, sendo referida designadamente nos Puranas, os livros religiosos hindus denominados *smirtis*, em que *Matsya*, o avatar do deus *Vishnu*, adverte *Manu* sobre um dilúvio iminente e aconselha-o a construir um barco gigante (Encyclopædia Britannica 2016); na mitologia grega, segundo *Timaeus* de Platão, Deucalião, filho de Prometeu e Climene, casado com Pirra, tendo sido avisado por Prometeu, construiu um barco de madeira que equipou com provisões, para se salvar, a si e a Pirra, do dilúvio lançado pela fúria de Zeus contra a humanidade (Pleins, 2010); e também em mitos dos povos Maia na Mesoamérica e de vários povos nativos da América do Norte e da América do Sul (Seger 1956).

O mito do dilúvio inspirou pintores (vd. Figuras 1, 2, 3, 4), poetas, como Aleksandr Pushkin, poeta russo do século XIX, no poema narrativo “O cavaleiro de bronze: Um conto de Petersburgo” inspirado numa grande cheia do rio Neva que destruiu grande parte da cidade de São Petersburgo (Pushkin 1833, Briggs 2005, Encyclopædia Britannica 2016a), e romancistas, como José Eduardo Agualusa, no seu penúltimo romance “A vida no céu” (neste caso o dilúvio

ocorre no futuro e deve-se à subida do nível do mar provocado pelas alterações climáticas).

Entre as hipóteses de situações reais que terão dado origem aos mitos é referida a queda de um meteoro ou cometa no Oceano Índico, em torno de 3000-2800 a.C., que gerou um tsunami de grande magnitude que inundou as áreas costeiras. Escavações no Iraque, na região da antiga Mesopotâmia, revelaram evidências de inundações localizadas em Shuruppak e várias outras cidades sumérias ca. 2900 a.C., que terão sido provocadas pelo represamento natural do rio Kârun pela propagação de dunas, simultaneamente com cheias excepcionais do rio Tigre e chuvas fortes na região de Nínive, abrangendo grande parte da bacia hidrográfica do rio Eufrates. Admite-se que a narrativa bíblica se refira às cheias extraordinárias que afectaram a Mesopotâmia, porque em Israel não há indícios de terem ocorrido inundações (Bandstra 2009). O mito de Deucalião pode ser associado ao grande tsunami que ocorreu no Mar Mediterrâneo, na sequência da erupção do vulcão Tera, na ilha de Santorini, ca. 1630-1600 a.C.. Embora o tsunami tenha atingido o sul do Mar Egeu e Creta, não afectou cidades na Grécia continental, como Micenas, Atenas e Tebas, que continuaram a prosperar, indicando



Figura 2. “O Dilúvio”, por John Martin (1789-1854), 1834. Pintura a óleo sobre tela (168 cm x 259 cm), Yale University Art Gallery.

que o evento foi local, com efeitos de âmbito regional (Castleden 2002). O mito do dilúvio na América do Norte pode estar associado a uma rápida subida do nível do mar causada pelo rápido escoamento do Paleolago Agassiz, um imenso lago glacial outrora situado no centro da América do Norte que foi alimentado pelas águas produzidas pelo degelo no final da última era glacial, *ca.* 6400 a.C. (Seger, 1956).

O início da História Antiga da China está associado a eventos marcantes no domínio do controlo das águas. Segundo a tradição, o Grande Dilúvio, também conhecido como o mito Gun-Yu, foi uma grande cheia que inundou os vales do rio Amarelo (Huang He) e dos principais afluentes pelo menos durante duas gerações, que obrigou a grandes deslocações de populações de que resultaram muitos outros desastres, designadamente a fome. As populações foram obrigadas a deixar as suas casas para viver nas colinas mais elevadas e nas montanhas, em condições de subsistência muito precárias pela escassez de produção

de alimentos em face das condições naturais adversas. De acordo com fontes mitológicas e históricas, o Grande Dilúvio terá tido início durante o reinado do imperador Yao, 2356 – 2255 a.C. (Yang & An 2005).

O Grande Dilúvio e as tentativas heróicas de vários personagens para o controlar e para mitigar o desastre é uma narrativa fundamental da cultura chinesa, embora falte informação histórica fidedigna para caracterizar o evento. O Grande Dilúvio é essencial para a compreender a história da fundação da dinastia Xia (cerca de 2070 a 1600 a.C.), a primeira dinastia da China, e da dinastia Zhou (1045 a 256 a.C.), e é uma importante fonte de inspiração da poesia chinesa clássica.

Para controlar o dilúvio, o Imperador Yao nomeou Gun, Príncipe de Chong, um parente afastado. Ano após ano, Gun procurou controlar a inundaçãõ contendo o leito do rio através da construção de diques, aterros e barragens em grandes extensões e com dimensões cada vez maiores. Porém, os esforços de Gun não tiveram sucesso e a cheia persistia no vale, com os níveis de água a subir continuamente e a destruir as



Figura 3. "O dilúvio de Noé e os acompanhantes" de Léon Comerre (1850–1916)

Fonte: Musée des beaux arts de Nantes.

obras empreendidas. Gun não terá adoptado a abordagem adequada ou, segundo a tradição, o insucesso devia-se à ira divina. O insucesso de Gun provocou um crescente aumento do descontentamento das populações desalojadas e tumultos sociais, enfraquecendo a autoridade imperial. Em consequência, a administração do império estava a ser cada vez mais difícil para o velho imperador, então com 74 anos (Wu 1982). Aconselhado pelos seus assessores, Yao chamou Shun, um parente afastado de linhagem real, para o ajudar, e resolveu pô-lo à prova, casando-o com as suas duas filhas, Ehuang e Nüying, e enviando-o para as zonas devastadas pela cheia, onde teve de enfrentar ventos impetuosos, trovoadas e chuvas intensas. Tendo vencido todas as provas, entre as quais ter conseguido estabelecer uma relação matrimonial estável e harmoniosa com Ehuang e Nüying, Yao encarregou Shun de administrar o império, nomeadamente de lidar com o Grande Dilúvio e com as perturbações associadas, atendendo, especialmente ao facto de a decisão de Yao nomear Gun para resolver a situação ter falhado ao fim de nove anos de tentativas frustradas. Shun tomou medidas

nos quatro anos seguintes para reorganizar o império, de modo a resolver os problemas imediatos e colocar a autoridade imperial numa posição melhor para lidar com o Grande Dilúvio e os seus efeitos, mas foi confrontado com a desconfiança e a animosidade de Gun. Mau grado a continuação dos esforços para controlar as cheias, os níveis de água continuavam a subir (Wu 1982).

Após a morte de Yao e das solenidades de investidura como imperador, Shun reuniu com todos os príncipes e chefes dos clãs, tribos e nações do império, e promoveu a reforma do calendário, a organização administrativa do território em nove *zhou* (províncias) e a uniformização dos pesos, medidas e rituais, de forma a exercer o poder de forma coordenada e sincronizada num território relativamente extenso, e conseguir controlar o Grande Dilúvio. De seguida Shun iniciou um périplo pela área devastada pelo Grande Dilúvio, reunindo com os príncipes e os líderes de cada região, para implementar as reformas realizadas (Wu 1982). Para resolver a devastação provocada pelo Grande Dilúvio, Shun demitiu Gun e ordenou a sua extradição para a montanha Yüshān



Figura 4. “Matsya, avatar do deus Vishnu, puxa o barco de Manu”, ca. 1870.
Fonte: Uttar Pradesh, India, Victoria and Albert Museum



Figura 5. Rio Amarelo. Quedas de água de Hukou no limite da Província de Shanxi com a Província de Shaanxi (Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hukou_Waterfall.jpg. Autor: Leruswing, extraído de "Along the Yellow River WV Banner.jpg")

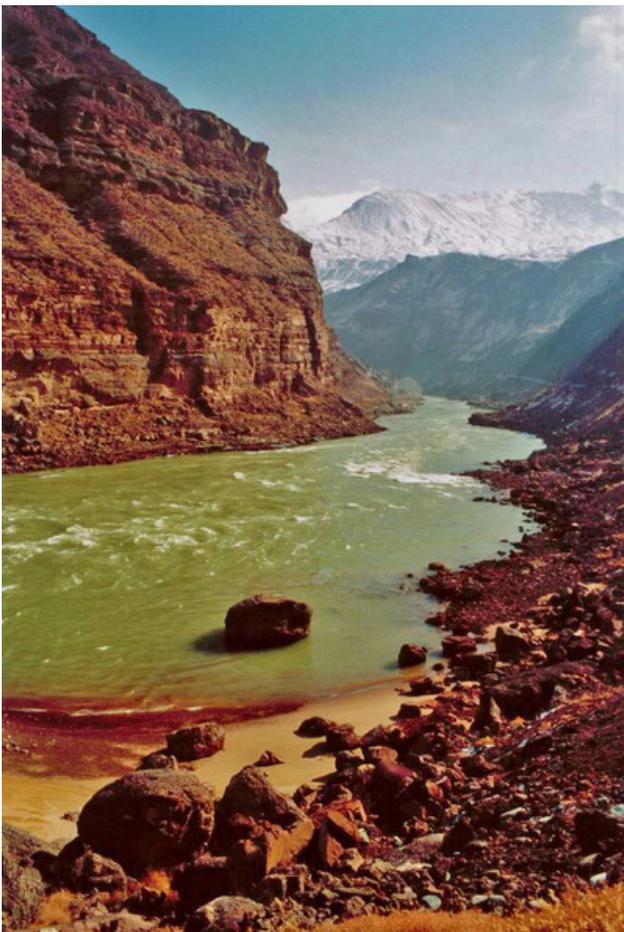


Figura 6. Rio Amarelo em Qinghai (plateau dos loess) (Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/File:Yellow_river_-_A._Holdrinet.jpg. Autor André Holdrinet)

(montanha da Pena), fora do território, habitada por povos bárbaros, e decidiu encarregar Yu, filho de Gun, por quem nutria grande apreço, de lidar com a situação.

Yu começou por estudar o funcionamento do rio em toda a sua extensão, para compreender as razões do insucesso do pai, e adoptou uma estratégia diferente: em vez de procurar conter as águas no leito do rio, Yu mandou dragar o leito do rio, que se encontrava muito assoreado, de forma a criar a capacidade de transporte necessária para assegurar o escoamento dos caudais de cheia, remover os obstáculos existentes, nomeadamente a escavação das montanhas para abrir a garganta de *Lóngmén Shān*, que passou a designar-se por “Portas de Yu”, abrir drenos para escoar a água retida nos campos, e construir canais para regar os campos que ficavam emersos. Ao fim de treze anos de persistência e dedicação extremas, a iniciativa de Yu foi bem sucedida, e permitiu que a agricultura florescesse ao longo dos vales do rio Amarelo, do rio Wei, principal afluente da margem direita, e dos outros rios da região central da China. O sucesso de Yu tornou-o famoso na História da China, e passou a ser conhecido como “Yu o Grande, que Controla as Águas” (*Dà Yǔ Zhì Shuǐ*).



Figura 7. Área de implantação da Dinastia Xia
(adaptado de commons.wikimedia.org/wiki/File:Xia_dynasty.svg)



Figura 8. Rio Amarelo em Zoigê, Província de Sichuan, na região onde se desenvolveu a dinastia Xia (Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/File:九曲黄河第一湾1.JPG. Autor: Zhangmoon618)



Figura 9. Baixo relevo intitulado “Yu o Grande, que Controla as Águas” (大禹治水) no edifício do Laboratório Nacional de Engenharia de Recursos Hídricos e Hidroenergia da Universidade de Wuhan, datado de 2005. (Fonte: commons.wikimedia.org/wiki/File:Wuhan_University_-_Water_Resources_Lab_-_Yu_the_Great_-_DSCF4288.JPG de Vladimir Menkov).

Shun ficou tão impressionado com os trabalhos de engenharia de Yu, com a sua dedicação e persistência, e com a capacidade de liderança que, após vários anos, escolheu Yu para lhe suceder. O prestígio de Yu junto das populações e dos senhores e chefes locais era tão grande que assumiu as funções de imperador, com cinquenta e três anos. Estabeleceu a capital em Anyi, cujas ruínas estão na actual Xiaxian, na província de Shanxi (Theobald 2012).

Depois de vários anos de liderança, Yu deveria entregar o trono a um líder digno, mas em vez de escolher um sucessor de acordo com critérios de competência e capacidade, como era então a tradição, Yu decidiu entregar o trono ao seu filho Qi; esse acto marcou o início do sistema hereditário na escolha do líder, pelo que a Dinastia Xia foi tradicionalmente considerada a primeira dinastia da China. O trono foi continuamente passado para os filhos dos imperadores, de geração em geração até Jie, o último governante da dinastia Xia. Jie era um líder corrupto e despótico, o que motivou

a rebelião do povo contra a sua liderança, tendo sido derrubado por Tang na batalha de Mingtiao. Tang era o líder do reino de Shang que se localizava na área de jusante do vale do rio Amarelo, cuja capital era Yin. Após a derrota de Jie, Tang iniciou a Dinastia Shang, também designada por Yin (Roberts 2011).

A Dinastia Xia durou entre 2070 e 1600 a.C. (Deady & Dubois 2004).

Embora o mito do Grande Dilúvio tenha algumas semelhanças com a narrativa do Génesis e as outras narrativas referidas, apresenta algumas diferenças fundamentais, que se enquadram na filosofia chinesa. Por exemplo, o Grande Dilúvio resulta de causas naturais, em vez de ser uma “punição divina, universal, do pecado humano”. Outra diferença fundamental é a ênfase nos esforços humanos, heróicos e louváveis, para mitigar o desastre: as inundações são combatidas através da construção de diques e barragens (de acordo com a estratégia de Gun), ou através da escavação dos leitos dos rios (segundo a concepção de Yu), e o ensinamento

dessas estratégias a outros (Yang & An 2005), ao contrário de Noé, Manu e Deucalião, que se limitam a esperar passivamente que a situação seja resolvida por vontade divina. Ainda outra diferença fundamental é o desenvolvimento da civilização e a melhoria das condições de vida, apesar da catástrofe do dilúvio: além dos esforços para controlar a inundação, muitos progressos foram alcançados, desde as reformas realizadas por Shun, até à gestão das terras e desenvolvimento de técnicas agrícolas, como o regadio e a drenagem dos solos. Estes desenvolvimentos são parte integrante da narrativa, e constituem uma abordagem integrada do bem-estar social e não a simples gestão de emergência da inundação e dos seus efeitos imediatos. Foi esta abordagem integrada que conduziu ao estabelecimento da dinastia Xia como primeiro Estado da China. A narrativa do Grande Dilúvio como foi apresentada, expurgada dos aspectos mais fantásticos da tradição da China, pode ser verosímil se se atender a que o leito do Rio Amarelo estaria tão assoreado com os sedimentos transportados de montante que a capacidade de transporte era insuficiente para assegurar o escoamento dos caudais, que se iam acumulando nas planícies marginais, aumentando a inundação de ano para ano. A estratégia de Gun, por procurar conter os caudais através da construção de diques longitudinais ao longo dos leitos, isolando as planícies marginais, só agravaria a situação porque provocaria o agravamento da deposição de sedimentos no leito confinado, a subida dos níveis de cheia e o galgamento e destruição dos diques, agravando as condições da inundação. Pelo contrário, à luz dos conhecimentos actuais, a estratégia de Yu é correcta, porque procura repor as condições de escoamento das cheias que existiriam antes do assoreamento do leito do rio.

Embora a existência da Dinastia Xia e a própria existência de Yu sejam objecto de controvérsia, pela ausência de fontes históricas fidedignas, designadamente pela ausência da escrita que só aparece durante a dinastia Shang (Mair 2013), não deixa de ser impressionante a forma como, em tempos tão recuados, foi encontrada uma solução hidráulica integrada, baseada no conhecimento do funcionamento de uma bacia hidrográfica com tão grande extensão.

A narrativa do mito do Grande Dilúvio e da solução implementada por Yu, *se non è vero, ...*

BIBLIOGRAFIA

Agualusa, J.E. 2013. A Vida no Céu, Quetzal, Lisboa, Portugal.

Bandstra, B. L. 2009. Reading the Old Testament: an introduction to the Hebrew Bible. 4th ed., Wadsworth / Cengage Learning. Belmont, CA, USA. pp. 59–62.

Briggs, A.D.P. 2005. “Mednyy vsadnik [The Bronze Horseman]”. The Literary Encyclopedia. Volume 2.2.1.00: Slavic and Russian Writing and Culture: Old, Medieval and Tsarist,

Castleden, R. 2002. Atlantis Destroyed. Routledge, Abingdon, Oxon, UK., pp. 8-13.

Deady, K.W.; M.L. Dubois 2004. Ancient China. Capstone Press, Mankato, USA

Encyclopædia Britannica 2016. Encyclopædia Britannica Online, “Matsya”. <http://www.britannica.com/topic/Matsya-Hinduism> (consultado em 9 de Fevereiro de 2016).

Encyclopædia Britannica 2016a. Encyclopædia Britannica Online, “Aleksandr Sergeevich Pushkin”. <http://www.britannica.com/biography/Aleksandr-Sergeevich-Pushkin> (consultado em 9 de Fevereiro de 2016).

Hendel, R.S. 1987. “Of Demigods and the Deluge: Toward an Interpretation of Genesis 6:1-4”. Journal of Biblical Literature, 106 (1), pp. 13-26.

Leeming, D. 2005. The Oxford Companion to World Mythology. Oxford University Press, New York, NY, USA., p. 132.

Loewe, M.; E.L. Shaughnessy 1999. The Cambridge History of Ancient China: From the Origins of Civilization to 221 BC. Cambridge University Press, Cambridge, UK.

Mair, V.H. 2013 “Was There a Xià Dynasty?”. Sino-Platonic Papers, 238.

Pleins, J.D. 2010. When the great abyss opened : classic and contemporary readings of Noah’s

flood. Oxford University Press. New York, N.Y.,USA, p. 110.

Pushkin, Aleksandr 1833. *The Bronze Horseman – A Petersburg Story*, translated by Yevgeny Bonver (www.poetryloverspage.com/poets/pushkin/bronze_horseman.html).

Roberts, J.A.G. 2011. *History of China* (3rd Edition), Palgrave MacMillan. Basingstoke, Hampshire, UK.

Seger, J.H. 1956. *Early days among the Cheyenne and Arapahoe Indians*, ed. S. Vestal, University of Oklahoma Press, Norman, Ok., USA.

Theobald, U. 2012. "Persons in Chinese Mythology - Yu the Great". ChinaKnowledge.de - An Encyclopaedia on Chinese History, Literature and Art.

Wu, K.C. 1982. *The Chinese Heritage*. Crown Publishers, New York, N.Y., USA.

Yang, L.; D. An 2005. *Handbook of Chinese Mythology*. Oxford University Press, New York, N.Y., USA.